

1967  
**Novembro**  
 ANO XI  
 N.º 46

Prop. do CENTRO ESCOLAR N.º 1  
 Comp. e imp. Tip. CORREIO DA HORTA



# ARAUTO

Redacção e Administração: Liceu Nacional da Horta

Editor: DR. TOMAZ DA ROSA

Redactores  
 Fernando Lima, Jorge Angelo e José Pompeu



Administradores  
 Diogo Fraga e José Freitas Diogo

## ABERTURA SOLENE DAS AULAS

Sob a presidência do Ex.<sup>mo</sup> Governador Substituto, Sr. Dr. José de Freitas, e com a presença de diversas entidades civis e religiosas, srs. professores, encarregados de educação e alunos procedeu-se à abertura solene das aulas no dia 1 de Outubro.

Em primeiro lugar o Ex.<sup>mo</sup> Reitor do Liceu, Sr. Dr. Manuel Madruga, fez várias considerações sobre assuntos relativos ao prosseguimento das diversas actividades escolares.

Seguidamente, o Sr. Dr. Tomaz da Rosa proferiu um discurso subordinado ao tema «Fátima e a Juventude».

Em seguida foram distribuídos prémios aos alunos

que mais se distinguiram no ano findo.

Encerrada a sessão, o público visitou o novo pavilhão do Liceu da Horta.

## Professores Novos

Está colocado como efectivo no nosso liceu o Sr. Dr. Cândido de Freitas, que aqui já tinha prestado serviço há seis anos.

Leccionam este ano pela primeira vez neste liceu os seguintes professores:

Sr. dr. Guimarães 2.º grupo; sr. dr. Cabral Pinto 4.º grupo; sr. dr. Magalhães Lima 8.º grupo; Rev. P.º José Fortuna, Moral.

## DESABAFO

A tarde caiu e eu continuo como dantes; o olhar perdido na parede branca do meu quarto, a cabeça escaldante apoiada na palma da mão. O silêncio é agora mais pesado e mais torturante, se possível, e o meu cérebro, assim como os meus sentidos, definem-no como Solidão.

Só, sem poder gritar a alguém este mundo de angústias, de anseios e problemas que me vai na alma.

E bastava um olhar a transmitir-me coragem, um sorriso a insuflar-me alegria, uma mão a certificar-me que ainda há algo para mim.

Só solidão, só trevas!

E eu desejo alguém junto de mim, alguém a iluminar o meu caminho.

Alguém! Tu, Senhor!

Vem, senta-te a meu lado e responde a este tumulto de perguntas que me afloram aos lábios.

Ajuda-me a encontrar-me, ajuda-me a perguntar-te tudo o que quero saber.

Responde a tudo, antes que a noite caia por com-

pleto e eu deixe de poder escrever. É que, se eu acender a luz, tu ir-te-ás, e então...

Senhor, porquê?

Porquê tanto orgulho, porquê tanta malquerença, tanta inveja e tanto ódio?

Porquê tanto sangue a jorrar lá longe, entre os homens?

Sangue, Jesus! É sangue que caiu, que Tu não querias ver derramado, e pelo qual derramaste o Teu.

E agora... ele corre fervente, como fogo, impregnado de ódio...

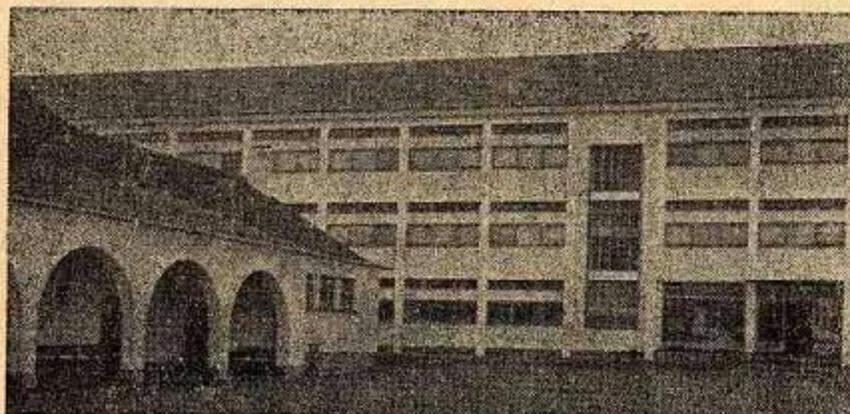
Porque o permites Senhor?

O mundo imenso que criaste é suficientemente grande para todos. E os homens não o entendem assim.

Que deixem de ter fome de Terra e sede de Sangue!

(Conclui na 3.ª página)

## Novo Pavilhão do Liceu



Tendo já o ano passado funcionado algumas salas para serviços lectivos entrou este ano em completo funcionamento o novo pavilhão do nosso Liceu

## Padre Correia da Rosa e Padre Tomás Cardoso

Cessaram as actividades como professores de Moral deste liceu os Rev.ºs P.ºs Correia da Rosa e Tomás Cardoso que à educação da Juventude dedicaram esforço, zelo e dinamismo, sendo bem quistos no meio estudantil. Durante seis anos o Padre Tomás Cardoso e durante mais de vinte, o Padre Correia da Rosa contribuíram para o aperfeiçoamento educativo de várias gerações.

## Almas Cativas

Tendo-se interrompido os trabalhos de reedição desta obra de Roberto Mesquita, por motivos alheios à nossa vontade, não queremos prolongar mais essa interrupção. Por isso, contamos levar a cabo em breve a edição da notável obra do poeta florentino.

# O NAUFRÁGIO

## do «Maria Amélia»

Há cerca de 80 anos, um barco picoense do Calhau, chamado «Maria Amélia», transportava passageiros e carga com destino ao Faial. Encontrava-se perto de meio canal, quando as pessoas que vinham nele viram um grande tronco de árvore. Resolveram recolhê-lo, porque tinha grande utilidade.

Como nesse tempo os barcos eram à vela, pensaram em amarrar a escota, para o barco não andar muito, e todos os homens se inclinaram para o mesmo lado a fim de que pudessem puxar o tronco para dentro do barco.

Tinham entregado o leme a uma mulher que o mestre tinha indicado. Porém no momento em que estavam puxando o tronco, veio uma grande refega que virou o barco. Toda a carga, passageiros e tripulantes caíram ao mar.

Entre os naufragos havia várias pessoas que não sabiam nadar; mas também havia os que sabiam e, como tinham corações generosos, tentavam salvar alguns dos seus companheiros ou familiares.

Mas mesmo assim morreram cerca de 10 pessoas, entre os quais um pai e uma filha que estavam juntos. Mas os seus cadáveres nunca mais apareceram. O mestre do «Maria Amélia» também morreu e dizem que se ele tivesse ficado vivo talvez fosse castigado por ter entregado uma coisa de responsabilidade, o governo do leme, a quem nada disso percebia.

Entretanto os habitantes do Faial que esperavam pelo barco estavam sempre a olhar o mar e alguém observou o naufrágio. Logo correu um barco da Madalena para ir salvar os pobres homens que se encontravam na agonia da morte.

Ao chegarem junto do barco trouxeram as pessoas vivas e rebocaram-no. Durante a viagem, o «Maria Amélia» vinha sempre re-

virado. Quando chegaram ao Faial, encaharam-no na areia e escoaram a água, ficando ele sem defeito nenhum.

E assim um tronco de árvore provocou um grande naufrágio.

Eugénio Pereira Leal  
3.º ano

# Estiagem

Um dos flagelos mais terríveis para a nossa ilha é a seca.

Então, os meses de estio são passados numa angústia incrível.

Cidade e campo unem-se no mesmo abraço ansioso do mesmo desejo: um pouco de chuva.

Sobretudo no campo, é que o desespero se faz sen-

tir: mirram as sementes, fenecem as ervas, que servem de pasto ao gado, os frutos têm uma cor mais baça, enquanto que os olhos do agricultor são mais tristes.

Quantas lágrimas já eles verteram durante a longa espera?

A vida parece ter parado.  
(Conclui na 3.ª página)

# Um dia no Mussulo

O Mussulo é uma ilha muito pitoresca que fica um pouco ao Sul de Luanda.

Levam-se 30 minutos de barco para lá chegar.

No Mussulo não vive ninguém a não ser indígenas e polícias que são rendidos de 15 em 15 dias. Há lá uma casa muito boa onde eles vivem durante esse tempo.

Todos os domingos se desloca a essa ilha uma quantidade de gente para tomar banho. Alguns comem num dos dois bares que lá existem. Outros comem à sombra dos coqueiros e das palmeiras com as toalhas estendidas sobre a areia, pois no Mussulo, só há areia, não há terra.

É uma praia imensa que parece nunca mais ter fim. Eu nunca dei a volta toda ao Mussulo. Já lá passei muitos dias. Ia de manhã e vinha à noite.

Já comi uma vez no bar, mas acho que sabe melhor a comida na areia.

Agora vou contar o que fiz num desses dias que passei no Mussulo. Sempre que vamos ao Mussulo, procuramos a reunião de várias famílias. Assim é mais divertido.

Acordei e como era domingo, fui à missa. Quando cheguei a casa já se encontrava o táxi para nos levar até ao embarcadouro.

Mudei de roupa e partimos.

Chegados ao embarcadouro, embarcámos num

dos barcos que fazem carreiras de Luanda para o Mussulo.

Fui com os meus pais, minha irmã os meus tios e uns vizinhos.

Era a primeira vez que lá ia. Fiquei boquiaberta ao ver como aquilo era lindo. Palmeiras e coqueiros que só se distinguem pelo fruto que dão! Os primeiros dão os cocos, fruto muito saboroso, e as segundas o «dendê» donde se extrai o óleo de palma.

A' beira-mar espraia-se uma grande baixa de areia branca, a única parte onde não havia palmeiras e coqueiros.

Logo à chegada, via-se o primeiro bar, à porta do qual os indígenas vendem colares, feitos com uma semente, e cocos. Também vendem mangas no tempo delas.

O meu pai escolheu um lugar para pormos os cestos, almoçarmos e descansarmos depois.

O lugar era muito agradável entre quatro coqueiros.

Pus lá o cesto que tinha sido entregue ao meu cuidado e corri para a água que estava deliciosa, apesar do arrepio de frio que me percorreu o corpo. Passado meio minuto já essa sensação desaparecera.

Uma hora depois, sai da água e deitei-me sobre a areia ao sol.

Quando a minha mãe me chamou para ir almoçar dei mais um mergulho e corri a sentar-me à volta

da toalha estendida à sombra dum coqueiro.

Almocei com aquele cheirinho ao mar. Soube bem.

Após o almoço, encostei-me a um coqueiro e li um livro.

Mais tarde o meu pai resolveu que fôssemos à contra-costa. Atravessámos a ilha na parte menos larga.

Pelo caminho fui apanhando aquelas sementes próprias para fazer colares.

Do outro lado o aspecto é talvez mais deslumbrante mas sente-se melhor a natureza. Quase não há pessoas. E eu gosto de lugares com pouca gente. Há mais areia menos coqueiros e palmeiros. E uma larguíssima e branquíssima faixa de areia escaldante.

O mar nesse dia estava muito bravo e eu gosto muito, mas vi-me aflita pois a «calema» envolve uma pessoa. O meu pai é que me puxou por uma perna para eu não ficar envolvida numa onda.

Quando acabámos de tomar banho, não, de lutar com o mar, resolvemos regressar. Eu nem me apetecia vir embora, devido ao cansaço.

Mas lá consegui andar. Quando cheguei, à costa interior, então descansei.

Lanchámos e viemos para casa.

Eu trazia a satisfação de ter passado bem um dia na ilha do Mussulo.

Lina Maria Martins de Melo

4.º Ano

(Conclusão da 1.ª página)

Dá-lhes fome sim, mas fome de Amor, fome de Ti.

Dá-lhes a beber o sangue da vida espiritual, para que saibam detestar o pecado.

Fá-los comer do teu pão e eles não mais quererão alimentar-se da terra escura e fria.

Não os deixes enregelar pelo frio do ódio, e aquece-os com o fogo do teu Amor.

Depressa Senhor, depressa!

## Estiagem

(Conclusão da 2.ª página)

Sim, porque não há melhor imagem da vida, que um campo verdejante, searas douradas ondeando ao sabor da brisa, uma árvore carregada de frutos sazonados.

E durante este verão não haveria esperança de que isso acontecesse.

Respirava-se uma atmosfera de expectativa dolorosa.

Até a água da cisterna era escassa, e nas ribeiras não se ouvia tão amiúde o saltar impetuoso das águas.

Só calma. Uma calma pesada, constrangedora.

E, como a mais nada e a ninguém era possível recorrer, o caminho era Deus: prece era o fulgor dos olhos dos trabalhadores, prece era o cantar dos pássaros ansiosos de ramage fresca, prece eram os sinos tocando às Avé-Marias e convidando os fiéis ao recolhimento. Dias longos, custosos de passar. Mas... Enfim! Depois de tão longa espera, finalmente a chuva benéfica voltou, inundando assim todos os corações de alegria.

De novo a satisfação volta aos rostos. Obrigado Senhor! Nós tínhamos confiança em Ti, e Tu não nos podias abandonar!

Maria José Correia da Rosa

3.º ano

Senhor?!

Perdoa!

Como eu sou! Eu a exigir, a querer ensinar-te!

Eu, que no Teu mundo sou menos que a formiga que caminha além naquele carroiro!

Que sou eu, Senhor?

Tua filha?! Mas... eu não o mereço.

É maravilhoso ter-te como Pai, sentir-te como eu sinto agora, a tua mão a escrever pela minha, o teu olhar a acariciar a minha face, o teu regaço pronto a acolher-me.

Pareço ouvir: vem.

Senhor é indiscreto de sabafar contigo, ser confortada sem palavras, ser acariciada sem gesto, escutar com o coração.

Tu és Tudo com que um coração jovem pode sonhar. Porque fogem de ti? Porque, se tu és Carinho, Bondade, Luz, Alegria, Paz e Amor?

Deixa-os encontrar-se contigo num desabafo como o meu.

Há tantas perguntas e só tu podes dar a resposta.

Quantas raparigas, agora sózinhas, com imensos problemas que só tu poderás resolver?!

Diz-lhe que não temam, pois és Bondade e Paz; que não fujam, pois és a Luz; que sorriam, porque és a Alegria, que descensem, pois és o Carinho, que confiem porque és o Amor.

Fala-lhes, Senhor, e não me deixes só, eu também preciso de Ti.

Fique sempre a Tua mão na minha cabeça, como agora! Enche de luz o meu quarto e a minha vida.

Rapariga! Jesus está a teu lado, aí mesmo, agora! Sorri-Lhe, confia e ama-O sem reservas.

Desabafa como eu. Sentir-te-ás protegida, acarinhada e compreendida, como ele o Pai dos Pais sabe compreender. Sentir-te-ás feliz, com a felicidade que só Deus sabe dar.

NELLY

6.º Ano

## essa desconhecida...

Foi em 1427 que se iniciou a descoberta destas encantadoras ilhas. Corvo e Flores foram descobertas mais tarde por Diogo Teive.

São duas ilhas maravilhosas, mas só vou tratar da mais pequena, mais ocidental, e mais desconhecida dos Açores e de Portugal, o CORVO.

Tem esta ilha 17 Km<sup>2</sup>, 792m de altitude, 681 habitantes. Dista 15 milhas das Flores e 120 do Faial.

É, como todas as outras do Arquipélago, (excepto Santa Maria) de origem vulcânica. A opinião de 4 Geólogos, que lá se deslocaram, afim de estudarem a origem e formação da ilha é que esta foi formada pelas lavas de um vulcão, que deram origem à plataforma, onde a reduzida população se estabeleceu. Aí se formou uma única localidade, que tomou o

nome de Vila de Nossa Senhora do Rosário, porque era, e é o único local, em cuja Paróquia se reza o Rosário diariamente.

É a ilha mais desconhecida e isolada do Arquipélago, devido à deficiência dos meios de comunicação. Como exemplo do seu isolamento, temos este caso verídico muito interessante:

A República Portuguesa, como todos sabem, foi implantada em 1910, mas na ilha do Corvo só se tomou conhecimento desse facto em 27 de Março de 1911.

A actividade principal da população é a agricultura, sendo de salientar nestes últimos anos a apanha de algas marinhas, a que homens, mulheres e até crianças se dedicam afincadamente durante o verão.

O povo é simples, honesto e hospitaleiro, de bons, sentimentos religiosos, vivendo em ambiente familiar.

Quanto a belezas naturais, o Corvo não é inferior às outras ilhas, sendo o Caldeirão, antiga cratera de vulcão extinto, uma das mais belas paisagens Açoreanas.

As costas da ilha são abundantíssimas em peixe, sendo um óptimo local para a prática da pesca submarina.

O que não se deve admitir é que alunos deste Liceu, alguns do 2.º ciclo, que sabem o relevo da Europa, os rios da África e, os climas do Japão, tenham um conhecimento tão deficiente e restrito acerca duma ilha do seu distrito, a ponto de serem levados a perguntar se o «CORVO É MAIOR QUE O MONTE DA GUIA» Pergunta anedótica, mas feita a sério!

Conheçamos o nosso distrito!

João R. Nunes Corvelo

## São assim os Estudantes...

(Conclusão da 4.ª página)

## Os Pequenos também são gente

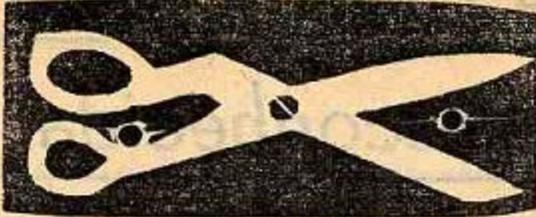
O E. pequeno anda sempre empregado. Elas dizem que não querem outro. Agora é a vez da O.

\* \* \*

O J. M. começou nas Angústias e já vai no Capelo. O rapaz talvez queira tomar posições estratégicas na ilha! Ele lá sabe das linhas com que se cose!

\* \* \*

Aliados no estudo e no amor. O exemplo é-nos dado por dois quintanistas que, demonstrando um autêntico espírito de entreatajuda, se lançaram na ventura amorosa. E o certo é que colheram bons frutos.



# São assim os ESTUDANTES...

## «Amor Eterno»

... Afinal não era eterno. E a tal peça que, como noticiámos o ano passado, e que se representava sobretudo num dos dias da semana durante longa temporada... afinal, acabou!

Acabou-se, amor, acabou-se.

Acabou-se, a nossa alegria.

### NOTA SENSACIONAL

— A actriz foi contratada para nova peça.

## Precisam-se

De dois moços girinhos, ultra-modernos, pertencendo à casta *bem* que tenham habilidade para o comércio.

Recebem-se proposta no Largo da Matriz.

## Na Aula

O PROFESSOR — Um exemplo de um invertebrado?

A ALUNA, MUITO SEGURAMENTE — Os répteis.

PARA BREVE:

O FILME DO ANO

## Deitar água a Pinto(s)

com Vasquez Franqanito

e Tressy Goveian

Tendo como fundo a conhecida e bonita canção «Transmissão do Pensamento», foi rodado na pitoresca e acolhedora Urzelina de S. Jorge

Cotação:

**EXCELENTE**

## E ESTA AGORA...

I

Saibam vossas senhorias:  
Tem estudado estes dias  
Certos problemas complexos  
uma aluna da fronteira  
mas isso é de tal maneira  
que não nos deixou perplexos.

II

... É professor (foi instinto)  
o ex-finalista distinto  
que pelo ano passado  
sem ter acompanhamento,  
o prémio do seu talento  
recebeu com grande agrado

III

E, se a quereis conhecer,  
podereis vós recorrer  
ao sétimo de Ciências,  
onde se estudam Micas,  
Desenho, Fisico — Químicas...  
Lá dar-vos-ão referências

Zé

Em seguida ao exame (escrito)

Porque será que os temas  
Arranjam tantos problemas,  
Cem por cento intransigentes?  
Imagem, boas gentes:  
Eu não pude fazer nada!  
Não percebo; mas se tanto  
Chumbo vou ter p'ra caçada  
Inteira não fica, eu garanto  
A raposa da maçada

Zé Cabulão

I

É p'ra o Norte esta questão,  
Mas antes da Conceição.  
(Arriscado é não saber  
os pontos cardeais dos ventos).  
Ora pois, vamos a ver,  
e estejam bem atentos:

II

Há uma aluna do quarto  
que acrescenta o rol já farto  
... Ele é um aluno externo  
lá d'algures da fronteira.  
Uma T. V. verdadeira:  
Já estamos no inverno!...

III

Deve ser bastante ardente  
a chama do amor que sente.  
E alguns dirão com espanto:  
Diante da gente, mais calma!  
O amor encheu-lhes a alma  
E entusiasmaram-se tanto.

IV

Desta minha versalhada  
não se admirem, não tem nada!  
Sem me referir à rima,  
Vou dizer, não me atrapalho:  
Só há versos ou trabalho  
Quando há matéria prima

Zé

## Fora de Série

Foi para Lisboa com dois meses, esteve lá dois anos, não sabe como, chegou à Horta com quatro anos e tem uma ideia exactíssima do nível de vida da capital. Adivinhem lá de quem é este saboroso «pratinho»?

Solução no próximo número.

## Piadas p'ra geral

Oh A. vai à fava... E foi mesmo!

Quem é a sextanista que gostaria de ser militar?

Quem é a setimanista que gostou duma piada no ARAUTO?